



Quinta-feira, 23 de dezembro de 2004

no mínimo **Guilherme Fiuza**

[enviar](#) | [imprimir](#)

Arthur Dapieve
 Augusto Nunes
 Carla Rodrigues
 Guilherme Fiuza
 José Paulo Kupfer
 Leo Martins
 Marcos Sá Corrêa
 Mario Sergio Conti
 Paulo Roberto Pires
 Pedro Doria
 Ricardo A. Setti
 Ricardo Calil
 Roberto Benevides
 Sergio Bermudes
 Sérgio Rodrigues
 Tutty Vasques
 Villas-Bôas Corrêa
 Xico Vargas
 Zuenir Ventura
 +
 A palavra é...
 +
 A Playboy do Dapieve
 +
 Blogs favoritos
 +
 Convidados
 +
 Ensaio
 +
 Entrevista
 +
 Fala Leitor
 +
 Galeria
 +
 Política & Cia
 +
 Reportagem
 +
 Weblog

O galo vai cantar

22.12.2004 | Quando o presidente Luiz Inácio da Silva fez o balanço de seus dois anos de governo, projetando os próximos dois, os carimbos do Planalto sentiram um grande vazio existencial. Lula praticamente limitou-se a repetir alguns refrões imortalizados por Pedro Malan, com o cuidado de ressaltar que “não demos continuidade às políticas do governo anterior”. Aquele discurso sem passado e sem futuro levantava dúvidas: como farão para manter essa espécie de Governo Zero? Mas a resposta está cada vez mais clara e é simples: na marra.

Antônio Rayol tem 48 anos, 27 de Polícia Federal. É um estudioso de políticas de combate à lavagem de dinheiro, matéria que lhe deu um título de pós-graduação. Homem aberto ao debate público, ele tem sido um interlocutor destacado particularmente nas questões que envolvem conluio entre advogados e o crime organizado. Rayol teve uma gestão inatacável à frente da Delegacia de Entorpecentes da PF e apenas iniciava seu trabalho na Delegacia do Meio Ambiente. Este policial foi chutado de seu cargo, poucos meses após realizar uma blitz na rinha de galos onde estava o publicitário Duda Mendonça.

O governo comprou uma briga dura. Rayol acaba de despejar no Ministério Público Federal uma coleção de documentos mostrando o rastro deixado pela patrulha oficial do PT. “Tenho provas documentais de que a direção do DPF deu tratamento diferenciado ao caso Duda Mendonça”, afirma o delegado. O dossiê já está nas mãos do procurador da República Rodrigo Ramos Poerson.

No relatório de Rayol também estão narrados, passo a passo, os fatos “estranhos e incomuns” que cercaram a transferência de dois agentes, Marcelo Marques Guimarães e Luiz Amado Machado, do Rio para Macaé e Campos. Ambos estavam à frente da operação contra a rinha da qual participava o publicitário, preso em flagrante na ocasião. A transferência da dupla se deu

Leia mais:

[Nóis sumo profissional](#) | 15.12

[Luma inaugura o carnaval](#) | 08.12

[Lula não quer crescer](#) | 30.11

[Esqueceram a japonesa esfaqueada](#) | 24.11

[Importação de abobrinha chinesa](#) | 17.11

[Giba, o 'problemático', é o melhor do mundo](#) | 01.09

powered by



Busca avançada
Quem somos

dias depois da blitz, contra a vontade de ambos, e acarretando um custo adicional à Polícia Federal – que por deslocar funcionários para longe de suas residências é obrigada a um acréscimo salarial. O agente Amado entrou em crise de hipertensão, teve um colapso nervoso, sofreu uma queda com fraturas e está sob sedativos.

O delegado Antônio Rayol está tranquilo porque afirma que qualquer inquérito justo e equilibrado, baseado nas provas que reuniu, constatará a motivação política na sua destituição do cargo, e na transferência de seus agentes. “O que aconteceu constitui aquilo que em linguagem jurídica se chama de improbidade administrativa e prevaricação”, afirma Rayol. Ele diz confiar plenamente na independência do Ministério Público e afirma não temer ser jogado na geladeira ou outras represálias: “Prefiro perder a chefia do que perder a vergonha”.

Em seu balanço de dois anos, Lula declarou que “a sociedade tem podido expressar-se da forma mais livre possível”. Poderia ter acrescentado: “desde que não chateie os amigos do presidente”. Segundo o relato de Rayol, antes de ser preso na rinha, Duda Mendonça deu-lhe a famosa carteirada: “sou assessor do presidente”. O delegado, evidentemente, ignorou a chantagem e efetuou a prisão do mesmo jeito.

Há muito tempo o Brasil não ouvia histórias desse tipo, tão familiares ao período de arbítrio, em que a sociedade era convidada no cotidiano a não se meter com os donos do poder. Lula continua enxergando no espelho o democrata que sempre foi, mas esta imagem não parece refletir os métodos crescentemente autoritários que seu partido e seu grupo político têm adotado à frente do governo. A manipulação da CPI do Banestado, por exemplo, foi um dos episódios mais graves da crônica recente da República.

Se o Brasil não estiver doente, a recomendação de indiciamento do ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco terá o efeito lamentável resumido pelo senador Pedro Simon: terá sido o funeral das CPIs. O relator do PT pinçou uma medida monetária de liberalização cambial para acusar Gustavo Franco (que servia ao governo FH) de criar um duto para o envio de dinheiro sujo para o exterior. É mais ou menos como acusar Santos Dumont pelo atentado contra as Torres Gêmeas.

O PT precisa entender que o patrulhamento político ostensivo, num regime de liberdade plena, tem pernas curtas. Collor tentou ganhar no grito e saiu pela porta dos fundos. E deve-se observar que ele tinha despachantes bem mais ousados que um Waldomiro Diniz. Se Lula pretende deixar o Ministério Público, a Polícia Federal e a imprensa trabalharem, isto é, se não estiver acometido de uma irresistível nostalgia do AI-5, o melhor é começar a pensar em fazer a única coisa que não prometeu no seu performático balanço de dois anos: governar.

fiuza@nominimo.ibest.com.br

[Receba os textos deste colunista por email](#)

[^ volta ao alto da página](#)

Praça Nossa Senhora da Glória 46, 5º andar
Rio de Janeiro RJ 22211-011 · tel +55 21 2225 5772

copyright 2002, nominimo.com.br
editor@nominimo.ibest.com.br